

Porto-riquenhos em Nova York: discursos diaspóricos e mapas adjacentes

Sonia Torres

Resumo

Os EUA e o Caribe, desde o século 19, encontram-se emaranhados em uma relação bastante particular; se ela não tem sido simétrica político e economicamente, ela tem, sem dúvida, gerado uma troca cultural mais complexa entre centro e periferia. Os porto-riquenhos de Nova York os nuyoricans (o termo vem da fusão de New Yorker com Puerto Rican), têm sua forma muito especial de serem tanto “locais” quanto “globais”. Assim, embora um nuyoricans possua origem latino-americana, e mais especificamente caribenha, é importante que se levem em conta, também, as diferentes perspectivas desse grupo, que os diferencia de seus compatriotas insulares. Na contemporaneidade, embora o contato entre a ilha e a metrópole mantenha-se através da migração circular, ou “ponte aérea”, situação esta que é facilitada pelo fato de os porto-riquenhos possuírem cidadania norte-americana, a literatura produzida por porto-riquenhos nos EUA já possui características nitidamente identificadas com a realidade norte-americana, e uma vasta rede de conexões com as minorias étnicas não-assimiladas daquele país. O presente trabalho discute a maneira através da qual a comunidade nuyoricans inscreve-se como parte de uma “nova etnia” (HALL, 1991) no maior quina que utiliza o sincretismo lingüístico-cultural como estratégia contra-discursiva de resignificação do espaço da metrópole, através de articulações e traduções que geram novas geografias de identidade transnacionais.

Palavras-chave: discursos identitários transnacionais/Nova York/Porto Rico/migração circular

Abstract

Since the 19th Century, the US and the Caribbean have had a multi-stranded and very particular relation; if this relation has been politically and economically asymmetrical it has, no doubt, generated a complex cultural exchange between center and periphery. Nuyoricans have always had their own, very special, mode of being both ‘local’ and ‘global’. In spite of their Latin American, and more specifically Caribbean origins, it is important to take stock of the intense contact between the island and the metropolis, through circular migration, facilitated by Puerto Ricans status as U.S. citizens. The literature produced by this ethnic community presents an identification with U.S. reality, characterized, at the same time, by a networking process with other non-assimilated ethnic minorities. The present work discusses ways in which the Nuyoricans community inscribes itself as part of a New York ‘new ethnicity’ (HALL, 1991) that utilizes both linguistic and cultural counter-discursive strategies, in order to resignify the metropolitan space, through articulations and translations that produce new transnational geographies of identity.

Key words: transnational identity discourses/New York/Puerto Rico/circular migration

Nova York hoje é uma cidade marcada pela cultura caribenha, e pela presença maciça da cultura latina, que ocupa a paisagem daquela metrópole com seus restaurantes, com sua

Sonia Torres é Doutora em Literatura Comparada, pelo Departamento de Ciência da Literatura da UFRJ. É autora do livro *América Ibrida* (Nápoles, Itália: IUO) e tradutora.

Textura	Canoas	n. 2	1º semestre de 2000	p. 33-41
---------	--------	------	---------------------	----------

fala, com sua música. Originalmente – antes da chegada de mexicanos da região sudoeste do país, e da recente onda migratória de dominicanos, que aos poucos vêm impondo sua presença —, ser hispânico em Nova York significava ser porto-riquenho. Tanto assim, que um longo trecho da 116th Street, no Harlem, é denominado Luis Muñoz Marin Boulevard.

A principal condição responsável pelo processo diaspórico que resultou na expatriação de aproximadamente 40% da população dessa pequena ilha do Caribe para o continente norte-americano, mais marcadamente Nova York, desde os tempos em que seus líderes políticos lutavam pela independência de seu país do primeiro colonizador, é, sem sombra de dúvida, sua situação de dependência política e econômica — primeiro da Coroa Espanhola, e, em seguida dos EUA. A ocupação de Porto Rico pelos EUA em 1898, depois de quatro séculos de colonização espanhola, inicia um processo histórico a partir da instauração da Lei Foraker de 1900, que declara Porto Rico território norte-americano “não incorporado”. O Decreto Jones de 1917, estabelecendo cidadania americana aos cidadãos porto-riquenhos; a crise econômica e social da ilha durante os anos da Depressão norte-americana; o controle externo de sua economia, e a conseqüente migração em massa da população para os EUA – todos estes fatores contribuíram para os fortes vínculos entre a ilha e o continente norte-americano, e para que as histórias desses dois países encontrem-se inextricavelmente ligadas, embora de forma assimétrica.

Grande parte dos escritores porto-riquenhos deste século viveram a experiência da expatriação, sobretudo para Nova York, onde até hoje se concentra o grosso da migração. Muitas das obras de exilados políticos do final do Século 19 que lutavam contra a hegemonia espanhola, juntamente com os ensaios do líder do Partido Revolucionário Cubano-Porto-riquenho, José Martí, são verdadeiros documentos do olhar latino-americano sobre os EUA da virada do século. Mas a comunidade hispânica de então era bastante reduzida se utilizarmos o parâmetro da população atual; nisto ela se assemelhava às demais comunidades imigrantes do início do século. A literatura porto-riquenha das primeiras décadas do Século 20 possui traços comuns com a literatura imigrante, no sen-

tido de narrar o primeiro encontro dos recém-chegados com a nova cultura, sua adaptação ao ambiente anglo-americano. O material publicado era sobretudo jornalístico e de cunho autobiográfico: perfis de personalidades de peso ou de interesse para a comunidade e pequenos relatos do dia-a-dia na metrópole. No entanto, é necessário que se estabeleça uma diferença básica entre a literatura porto-riquenha e a de imigrantes europeus, da mesma época, dado seu sentido agudo de vulnerabilidade social. Os *borícuas* chegam aos EUA como povo subalterno, com o status ambíguo de “cidadãos estrangeiros”. Assim, se compararmos a trajetória do migrante porto-riquenho à dos imigrantes europeus, vemos que estes últimos foram facilmente integrados à cultura anglo-americana, enquanto que o primeiro, não somente por sua situação de cidadão de segunda classe, mas também por questões raciais, apresenta uma problemática mais profunda. O imigrante europeu, branco, foi mais facilmente integrado ao centro, enquanto que a maioria dos porto-riquenhos, desde as primeiras ondas migratórias até os dias de hoje, ocupa uma posição marginal. Neste sentido, podemos dizer que, apesar dos vínculos incontestáveis com a ilha natal, a literatura porto-riquenha contemporânea dos EUA, aproxima-se mais das demais literaturas das chamadas minorias, cujas práticas literárias também apresentam-se marcadas pela colisão com a cultura hegemônica, e pela exclusão, como a afro-americana, a chicana, e de outros grupos hispânicos, principalmente os de origem caribenha, que começam a surgir nos últimos anos.

É importante estabelecer-se a diferença entre a emigração de pós-coloniais do Caribe para a Europa e a migração circular entre o Caribe e os EUA, mais marcadamente Nova York, em que a distância político-econômica entre centro e periferia é acompanhada da proximidade geográfica. O Atlântico Ocidental possui um padrão migratório que difere do padrão entre a Europa e suas ex-colônias, visto que, durante os tempos coloniais, as regiões periféricas de seus impérios interagiam muito pouco umas com as outras, e mesmo com o centro – embora esse, mesmo funcionalmente distante, regulasse os padrões culturais de suas ex-colônias (Patterson, 1987, p. 228). Os EUA e o Caribe, desde o século 19, encontram-se emaranha-



dos em uma relação bastante particular; se ela não tem sido simétrica político e economicamente, ela tem, sem dúvida, gerado uma troca cultural mais complexa entre centro e periferia. Por isso, podemos dizer que os porto-riquenhos de Nova York os *nuyoricans* (o termo vem da fusão de *New Yorker* com *Puerto Rican*), têm sua forma muito especial de serem tanto “locais” quanto “globais”. Assim, embora um *nuyoricano* possua origem latino-americana, e mais especificamente caribenha, é importante que se levem em conta, também, as diferentes perspectivas desse grupo, que os diferencia de seus compatriotas insulares. Na contemporaneidade, embora o contato entre a ilha e a metrópole mantenha-se através da migração circular, ou “ponte aérea”, situação esta que é facilitada pelo fato de os porto-riquenhos possuírem cidadania norte-americana, a literatura produzida por porto-riquenhos nos EUA já possui características nitidamente identificadas com a realidade norte-americana, e uma vasta rede de conexões com as minorias étnicas não-assimiladas daquele país.

A comunidade porto-riquenha de Nova York inscreve-se como parte de uma “nova etnia” (HALL, 1991) nova-iorquina que utiliza o sincretismo lingüístico-cultural como estratégia contra-discursiva de resignificação do espaço da metrópole, através de articulações de tradições e traduções que geram novas geografias de identidade transnacionais.

A periferia já não é um local separado do centro – o mapa global foi sugado para dentro dos grandes espaços metropolitanos do “centro”, e este passou a ser um espaço que contém o desenvolvimento desigual do capitalismo. Este fenômeno, a que Renato Rosaldo se refere como “a implosão do Terceiro Mundo no Primeiro” (Rosaldo, 1989), e que levou Jean Franco a se referir a Nova York como “uma cidade de Terceiro Mundo” (1985), gera uma importante mudança no paradigma eu/outro ou nós/eles. Utilizando o idioma espanhol, ou o idioma híbrido (*Spanglish*) como “política de tradução”, as comunidades hispânicas dos EUA criam inter(re)ferências, “intraduzibilidades” que servem de instrumentos de resistência e de representação de um sujeito que, sendo “americano”, incorpora as vastas desigualdades entre as Américas.

Neste final de século, em que testemu-

nhamos a emergência de uma nova forma de modernidade, em que a suposta linearidade temporal, da nação, da identidade e do “progresso” da história ocidental encontra-se rompida pela inter(re)ferência de línguas, histórias e narrativas múltiplas, e a heteronomia de pulsões variadas, o quadro de referências metropolitano encontra-se atravessado de particularidades que introduzem tropos poderosos à modernidade – tropos de migração, deslocamento e migração que geram as novas cartografias da contemporaneidade. Os textos produzidos pela população *nuyoricana* deste último quarto de século operam dentro de um paradigma de resistência cultural que envolve toda a tensão implícita entre a ideologia de integração ao “centro” e a memória/desejo de um “lugar outro”.

Se é fato que locais separados tornam-se efetivamente uma única comunidade através da circulação contínua de indivíduos, dinheiro, bens e informação – o que Roger Rouse chama de “circuitos migratórios transnacionais” (Rouse, 1991, p. 14) – também é incontestável que o processo de transculturação produz, sempre, especificidades locais. A literatura *nuyoricana* retém uma associação com Porto Rico, através do fenômeno de migração circular – a tradição do *vá y vén* – e, por extensão, com o restante da América Latina, servindo como verdadeira ponte entre as Américas; contudo, ela também estabelece fortes ligações com o restante do Caribe que vive e respira em Nova York e com os afro-americanos, com quem os *nuyoricans* encontram-se fortemente identificados. Este movimento de subjetividades múltiplas permite que conceituemos o discurso *nuyoricano* como diaspórico, dentro do conceito de diáspora recentemente articulado por inúmeros estudiosos, entre eles o antropólogo James Clifford. Cito Clifford:

Diaspora cultures are, to varying degrees, produced by regimes of political domination and economic inequality. But these violent processes of displacement do not strip people of their ability to sustain distinctive political communities and cultures of resistance. Obviously the mix of destruction, adaptation, preservation, and creation varies with each historical case and moment. As counter-discourses of modernity, diaspora cultures cannot claim an oppositional or primary purity. Funda-



mentally ambivalent, they grapple with the entanglement of subversion and the law, of invention and constraint – the complicity of distopia and utopia. (Clifford, 1994, p. 319).

A ambivalência a que Clifford se refere, acima, faz com que Porto Rico seja representada pelo *nuyoricana* ora como a terra prometida, ora como o paraíso tropical perdido – e ora como a terra que o rechaça. Nenhum poema reflete melhor esse dilema do que o poema “Nuyoricana”, de Tato Laviera:

yo pelejo por ti, puerto rico, ¿sabes?
yo me defiendo por tu nombre, ¿sabes?
entro a tu isla, me siento extraño, ¿sabes?
entro a buscar más y más, ¿sabes?
 pero tú con tus calumnias,
 me niegas tu sonrisa,
 me siento mal, agallao,
yo soy tu hijo
de una migración,
pecado forzado,
me mandaste nacer nativo en otras tierras,
por qué, porque éramos pobres, ¿verdad?
porque tu querías vaciarte de tu gente pobre,
ahora regreso, con un corazón borícuca, y tú,
me desprecias, me miras mal, me atacas a mi
hablar,
mientras comes mcdonalds en discotecas ame-
ricanas,
y no pude bailar la salsa en san juan, la que yo
bailo en mis barrios llenos de tus costumbres
así que, si tú no me quieres, pues yo tengo
un puerto rico sabrosísimo en que buscar refugio
en nueva york, y en muchos outros callejones
que honran tu presencia, preservando todos
tus valores, así que, por favor, no me
hagas sufrir, ¿sabes? (Laviera, 1985, p. 53).

O poeta questiona as razões pelas quais seus compatriotas insulares o rejeitam, quando, vistos da perspectiva de alguém de fora, eles não são menos aculturados que ele. Paradoxalmente, enquanto na ilha se consome Mcdonald’s e música norte-americana, em Nova York dança-se salsa e praticam-se costumes porto-riquenhos. A referência nos faz lembrar que a transculturação é de duas vias, e que a ponte aérea já há muito se tornou o agente ligando realidades sociais contíguas: não somente Porto Rico e Nova York, mas

o East Harlem a La Perla (favela de San Juan), ficam, desta forma, adjacentes e culturalmente mais próximas do que o East Harlem e, digamos, o Upper East Side. A fronteira ambígua entre a metrópole e a cidade do país periférico sugerida pelo poeta, acima, sugere a opção pela construção de uma nação alternativa, que Laviera irá chamar de “AmeRícan”. Este movimento não invalida a utopia da nacionalidade cultural, apenas a desloca para o espaço norte-americano.

Este deslocamento também encontra-se tematizado no poema “Here”, de Sandra María Esteves. Nele, a história rompida de Porto Rico é representada através do corpo da própria poeta, composto de duas partes, passado/presente:

I am two parts/a person
Borícuca/spic
Past and present
Alive and oppressed
Given a cultural beauty
... and robbed of a cultural identity

I speak the alien tongue
In sweet boriqúeño thoughts
(...)

(*Yerba Buena*, p. 20)

A contigüidade dos mapas, e a re-criação de uma Porto Rico em Nova York, por sua vez, cria novos circuitos com as demais subculturas da metrópole, fazendo de Nova York um vasto Caribe (Sutton & Chaney, 1987). Esta justaposição de culturas, etnias, histórias, pode ser observada na obra de poetas como Tato Laviera, que optam por uma Porto Rico novaiorquina que dialoga com as demais culturas presentes neste espaço, em um processo de *networking*. Assim como inúmeros poetas negros norte-americanos, que incorporaram estruturas musicais do *blues* ou do *jazz*, ele escreve poemas para serem recitados, e algumas vezes, cantados. Sua forma de empregar a língua(gem) é de um virtuoso, não somente pela facilidade com que se desloca entre o inglês, o espanhol e o *Spanglish*, explorando ao extremo as possibilidades estéticas de contrastar e misturar o som das duas línguas, esgarçando os dois sistemas lingüísticos a ponto de criar todo um sistema alternativo, sem alterar a sintaxe, como também pela aproximação da musicalidade de seus poemas com for-



mas musicais tipicamente caribenhas, afro-caribenhas e afro-americanas. Lendo/ouvindo seus poemas, nos damos conta da mescla de referências musicais das tradições das Américas: a plena, o bolero, o *soul* e o *gospel* convivem metonimicamente, definindo sua maneira híbrida, mestiça, de ser AmeRiquenho. Suas performances nos remetem ao nosso vasto repertório musical/afetivo, inter-americano.

O poema “AmeRícan” que dá título ao seu terceiro livro de poesias, celebra todas as Américas: a euro-americana, a hispânica, a indígena, a afro-americana e a afro-caribenha:

We gave birth to a new generation
 AmeRícan salutes all folklores,
 European, indian, black, spanish,
 And anything else compatible:

AmeRícan, singing to composer pedro flores' palm
 Trees up in the universal sky!

AmeRícan, sweet soft spanish danzas gypsies
 moving lyrics la española cascabelling
 presence always singing at our side!

AmeRícan, beating jíbaro modern troubadours
 crying guitars romantic continental
 bolero love songs!

AmeRícan, walking plena-rythms in new york,
 strutting beautifully alert, alive,
 many turning eyes wondering,
 admiring!

(...)

AmeRícan, like the soul gliding talk of gospel
 boogie music.

AmeRícan, speaking new words in spanglish
 tenements,
 fast tongue moving street corner “que
 corta” talk being invented at the
 insistence
 of a smile! (Laviera, 1985, p. 94-95).

A América proposta por Laviera é uma América “sendo inventada”, de subjetividades múltiplas, e móveis, que deslizam, como a fala negra da música *gospel*, ou como a fala hispânica, rápida (o porto-riquenho, assim como o no-vaioquino, é freqüentemente identificado pela

fala excessivamente rápida), “que corta” o mapa tradicional da nação. Incluir todas as Américas, com todos seus “ritmos”, assinala o desejo de inclusão de todas as tradições da América Outra do poeta. O emprego reiterativo do neologismo *AmeRícan*, ao longo do poema, sugere, ainda, através do som da palavra, uma reafirmação insistente da subjetividade hispânica: *I’m a Rican* (sou riquenho). Sugere, ainda, suas duas personas: uma pública (americana) – a do sistema e das instituições; e a “outra”, privada (porto-riquenha, ou “Rican”) – que é o espaço da memória afetiva. Laviera sugere, através de seu jogo de palavras, que ele não poderá ser “americano” enquanto este lado privado não puder, também, ser público. Sem perder a consciência de suas raízes afro-caribenhas, Laviera inscreve-se como parte de uma nova etnia no-vaioquina, que emprega novas palavras sendo inventadas em um processo de constante recriação. Ser *AmeRícan* também é ser uma ponte cultural entre Nova York e a ilha de Porto Rico – “*across forth and across back/back across and forth back/forth across and back and forth*” (Laviera, 1985, p. 94) – e é, também, representar o excesso produzido nos interstícios, representado pelo *Spanglish* e demais construções e práticas híbridas, que se prestam a jogos de palavras e tradições/traduições outras.

As comunidades hispânicas dos EUA são consideradas “minorias não-assimiladas”; ou seja, elas não se integram ao espaço hegemônico, por razões econômicas, raciais e lingüísticas. Os porto-riquenhos, em especial, aparecem nas estatísticas como a comunidade étnica que “empata” com o segmento da população afro-americana mais pobre – considerando-se que já existe uma classe média negra nos EUA (Sutton & Chaney, 1987; Rodriguez, 1993, Oboler, 1995). Também não é difícil fazermos aqui a associação entre o dado econômico e o racial – em geral não são as elites brancas de Porto Rico que migram para o continente. Quanto ao dado lingüístico, os hispânicos de uma forma geral tendem não somente a manter o emprego do espanhol, como também a forçar sua entrada no espaço lingüístico hegemônico. O sincretismo lingüístico-cultural freqüentemente presente na produção literária de hispânicos nos EUA não é, portanto, uma forma de integração, e sim uma estratégia contra-discursiva de resignificação do

espaço culturalmente hegemônico.

Vejam os poemas “Melao” de Tato Laviera, que imbrica exatamente as três questões apontadas acima: a racial, a econômica e a lingüística:

melaio was nineteen years old
when he arrived from Santurce
spanish speaking streets

melaio is thirty-nine years old
in new york still speaking
santurce spanish streets

melaíto his son now answered
in black american soul english talk
with native plena sounds
and primitive urban salsa beats

somehow melaio was not concerned
at the neighborly criticism
of his son's disparate sounding
talk
melaio remembered he was criticized
back in puerto rico for speaking
arrabal black spanish
in the required english class

melaio knew that if anybody
called his son american
they would shout puertorrican
in english and spanish
meaning i am puerto rican
coming from yo soy boricua
i am a jíbaro
dual mixtures
of melaio and melaíto's
spanglish speaking son
así es la cosa papá (Lavieria, 1988, p.27).

O jogo de palavras, em que o poeta transita livremente entre as duas línguas, brinca com a impossibilidade de uma tradução “pura” entre duas línguas/culturas, e abre-se para a construção de uma poética multilíngue. Ao invés de colocar as línguas inglesa e espanhola competindo por espaço ou autoridade, Laviera desconstroi a oposição ou/ou, e constrói um espaço outro, de interação ou “contaminação” lingüística, análogo à própria porosidade do mapa que

separa Porto Rico dos EUA. Os tropos, as definições, as histórias e a lógica do estado-nação são questionados, mostrando uma nação outra, em que esses tropos, definições, histórias e lógica são contestados diariamente. Vemos, no poema “Melao”, que o inglês negro é o único inglês verdadeiramente “autêntico”, já que o afro-americano, por ser também marginalizado, é o único “americano” que compartilha do dia-a-dia do gueto com os hispânicos, jamaicanos e demais minorias étnicas. O poema marca as origens populares da comunidade do *barrio*, e valoriza o linguajar coloquial, incorporando o que, segundo Juan Flores, são os traços mais fortes dos poetas *nuyoricano*: consciência de classe, coloquialismo e musicalidade (Flores, 1985, p. 10).

A questão central em “Melao” é a questão da fala – centralizada, inclusive esteticamente, no poema, onde a palavra *talk* aparece isolada. Esta é uma questão recorrente nas obras *nuyoricano* — vimos no trecho do poema de Sandra María Esteves, acima, que ela se identifica como *spik*, palavra pejorativa usada pelos “anglos” para designar os hispânicos que vivem nos EUA, e que remete para o verbo *speak*, pronunciado com sotaque hispânico. O poema de Laviera oferece uma reflexão sobre o entre-espaço físico e lingüístico da segunda geração de imigrantes, abordando, ao mesmo tempo a questão racial. Grande parte dos *nuyoricanos* é negra (como o é Tato Laviera), e convive intensamente, nos mesmos bairros, com os negros norte-americanos. Quando eles “assimilam”, portanto, freqüentemente assimilam a fala e a cultura negra de Nova York, como o faz Melaíto, filho de Melao.

Lavieria conta que quando chegou a Nova York, ainda pequeno, não sabia que nos EUA existiam negros –

(...) I thought the U.S. was all white, and I was scared I'd be the only Black person going there. I was totally terrified when the plane was landing. (...) When I came down from the plane, I saw these black people and I felt good. But my *tía política* grabbed my hand and said: “No te juntes com los prietos, negrito.” (...) I responded: “Pero Titi”. And she said: “No te juntes com los moyetos (sic), negrito”. “Pero Titi”. “Si los cocolos te molestan, corre y si te agarran, baila. “That was my first welcome to New York. *Nueva York me saludó y me dijo 'confusion'*” (Luis, 1992, pp.1023-1024).



Ele reviveu estas primeiras impressões de sua chegada a Nova York no poema “Negrito”:

El negrito
vino a Nueva York
vio milagros
en sus ojos
su tía le pidió
un abrazo y le dijo,
“no te juntes com los prietos, negrito.” (Laviera,
1985, p. 41).

Podemos dizer que Melaíto é Negrito já mais crescido e integrado à metrópole: ele agora já responde com fala negra novaiorquina – *black American soul English talk*. Melao, ao contrário dos vizinhos, não condena a fala “disparatada” do filho, porque lembra de ter sido discriminado na sua Porto Rico natal, por falar espanhol de *jíbaro* – ironicamente, na aula de inglês. O poema apresenta uma dialética constante, através do encadeamento de situações irônicas e de inversões: a obrigatoriedade do aprendizado do inglês nas escolas de Porto Rico; o espanhol de Santurce trazido, e mantido, em Nova York pelo pai; o inglês disparatado do filho... todos significam *puertorrico* (porto-riquenho), um produto da hibridização do espanhol, do taíno, do negro do Caribe e do afro-americano.

A justaposição das vozes – *dual mixtures* – das duas gerações produz uma voz dobrada, ou discurso duplo, que está lá e cá ao mesmo tempo, dentro e fora das duas culturas, com todas as influências imprimidas em ambas. A “mistura dupla” sugere o excesso produzido pelas culturas híbridas: por poder trabalhar nos dois códigos, com todos seus sub-códigos, seu discurso é mais rico. Esse excesso, esse “disparate”, é representado pela superposição sonora do *soul* com a *salsa* e a *plena*. É o excesso, ainda, que permite a Laviera “traduzir” livremente, e inverter/subverter origens; por exemplo, ser “americanizado”, no caso de Melaíto, é falar como afro-americano, e, no dueto de pai e filho, somos informados que *Puerto Rican* vem do espanhol *borícuca*.

Laviera afirma que o fato de escrever em inglês e espanhol permite que ele se comunique com todo o continente (LUIS, 1992, p.1027). Seus poemas operam na interface entre a América anglo-americana e a latina, nos lembrando

que o inglês é a língua hegemônica, mas que não é a única língua falada nos EUA. Desta forma, ele superpõe o Primeiro e o Terceiro Mundo, apagando os mapas que aparentemente os separa geograficamente, sem, contudo, deixar de marcar as enormes diferenças econômicas que separam os dois mundos: o espanhol falado nos EUA é representado como a língua dos pobres. Sua poética dá-se dentro de um espaço de identificações múltiplas para fora do espaço do estado-nação, a fim de criar uma possibilidade de se viver dentro dele, e, ainda assim, marcar a diferença. É um discurso que articula raízes e rotas, para ficarmos com os termos de Clifford, *roots and routes*.

Clifford nos lembra que a narrativa nacional não pode assimilar grupos que mantêm alianças importantes e ligações práticas com a terra natal, ou com uma outra comunidade. Por outro lado, os povos cujo sentido de identidade é definido sobretudo por histórias de deslocamento e perda violenta não podem “curar-se” mergulhando em uma comunidade nacional, especialmente quando são vítimas de preconceito estrutural (Clifford, 1997, p. 250-251). Os movimentos de voltar-se para um tempo/espaço míticos da “nação de origem” (raízes) e o de estender-se para fora do território da nação, construindo um discurso alternativo que abraça outras comunidades, também excluídas (rotas), ambos presentes em grande parte das obras de *nuyoricans*, demonstram seu desejo de construção de esferas públicas de consciência e solidariedade comunitária que busquem um hibridismo para além do estritamente caribenho, abraçando, também, as formas híbridas norte-americanas como o *blues* e o *soul*, apontando, desta forma, para o sincretismo pan-caribenho de Nova York, nos fazendo lembrar as interações, cada vez mais presentes, que vêm transformando o presente e forjando o futuro cultural dos EUA.

Assim como Tato Laviera, Aurora Levins Morales, em seu poema “Child of the Americas” (1995), também identifica o espaço da metrópole norte-americana como seu lar cultural, onde uma nova história, interamericana, está sendo escrita:

I am a child of the Americas
a light-skinned mestiza of the Caribbean,



a child of many diasporas, born into this continent
at a crossroads.

I am a U.S. Puerto Rican Jew,

a product of the ghettos of New York I have never
known.

An immigrant and the daughter and granddaughter
of immigrants.

I speak English with passion; it's the tongue of my
consciousness,

A flashing knife blade of crystal, my tool, my craft.

I am Caribeña, island grown, Spanish is in my flesh,
ripples from my tongue, lodges in my hips:

The language of garlic and mangoes,
the singing in my poetry, the flying gestures of my
hands.

I am of Latinoamerica, rooted in the history of my
continent:

I speak from that body.

I am not African. Africa is in me, but I cannot
return.

I am not taína. Taíno is in me, but there is no way
back.

I am not european. Europe lives in me, but I have
no home there.

I am new. History made me. My first language was
spanglish.

I was born at the crossroads

And I am whole (Morales, 1995, p.79).

A qualidade reiterativa (I am/I am not) do poema de Levin Morales remete para o "I'm a Rican" de Laviera: seu poema também saúda todas suas tradições – a africana, a taína, a espanhola. Ambos se reconhecem, se identificam, como um novo produto, nascido na encruzilhada da história. Em "Child of the Americas", toda a história das colonizações – a espanhola e a anglo-americana – e todas as diásporas, atravessam o próprio corpo da voz que conta/canta: "I speak from that body".

O termo "diásporas" empregado pela autora é "um significante não somente de transnacionalidade e movimento, mas de uma luta política para definir o local, enquanto comunidade distinta, em contextos históricos de deslocamento" (Clifford, 1997, p.252). Clifford, citando Vijay Mishra (1994) observa que estas estratégias simultâneas de manutenção de uma comunidade e de interação combina os discursos

e recursos das "diásporas de exclusivismo" e "diásporas de fronteira" (Clifford, 1997, p. 252). As obras de comunidades hispânicas dos EUA freqüentemente lançam mão de uma estratégia de revisão de suas etnias e culturas formadoras. Cabe ressaltar, entretanto, não se tratar de uma visão nostálgica, mas de discursos/recursos "especificamente cosmopolitas articulados (...) em tensão constitutiva com as ideologias assimilacionistas do estado-nação (Clifford, 1997, p. 252). Ainda segundo Clifford, uma linguagem diaspórica parece estar substituindo, ou pelo menos suplementando, o discursos das chamadas minorias. As conexões transnacionais rompem a relação binária minoria x maioria – dependência esta que estrutura projetos tanto de integração quanto de resistência. Ele observa que as comunidades diaspóricas não são exatamente comunidades imigrantes, já que estas últimas poderiam ser vistas como *loci* temporários, onde as três primeiras gerações travaram batalha, na difícil transição para o status de "grupo étnico" (Clifford, 1997, p. 255). A "filha das Américas" de Levin Morales é "filha e neta de imigrantes" e, portanto, já passou pela transição descrita por Clifford, acima. Portanto, independentemente de seu desejo escatológico, ela já é "americana" – como ela mesmo reconhece, "I cannot return". Os discursos diaspóricos são, portanto, constituídos de duas formas: pelas experiências de discriminação e exclusão, e pela identificação com forças político-culturais históricas (a identificação dos porto-riquenhos com suas raízes taínas ou africanas, por exemplo). Neste sentido, "voltar para casa" é, no nível do discurso, não tanto um desejo de "voltar a ser porto-riquenho", mas uma vontade de ser norte-americano e ter sua diferença marcada, sem ser discriminado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

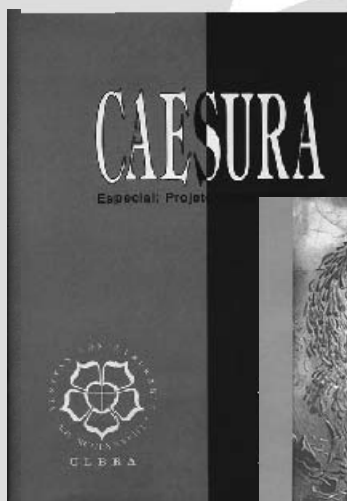
- CLIFFORD, James. *Routes. Travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge, Mass. & London: Harvard UP, 1997.
- . *Diasporas*. *Cultural Anthropology*, 9 (3): 302-338, 1994.



- . **The predicament of culture.** Twentieth-century ethnography, literature and art. Cambridge, Mass. & London: Harvard UP, 1988.
- ESTEVEZ, Sandra Maria. **Yerba buena.** Greenfield, NY: Greenfield Review Press, 1980.
- FLORES, J. "Que assimilated, brother, yo soy asimilao": the structuring of Puerto Rican identity in the U.S. **Journal of Ethnic Studies**, 13 (3): 1-16, 1985.
- FRANCO, Jean. New York is a Third World city. **Tabloid**, 9 (12): 12-19, 1985.
- HALL, Stuart. Old and new identities, old and new ethnicities. In: KING, Anthony D. org. **Culture, globalization and the world system.** Contemporary conditions for the representation of identity. Hampshire & London: MacMillan Press, 1991.
- LAVIERA, Tato. **Mainstream ethics/ética corriente.** Houston: Arte Público Press, 1988.
- . **AmeRícan.** Houston: Arte Público Press, 1985.
- LEVINS MORALES, Aurora. **Child of Americas.** In Santiago, Roberto (1995:79
- LUIS, William. From New York to the world. **Entrevista com Tato Laviera.** Callaloo, 15 (4): 1022-1033, 1992.
- OBOLER, Suzanne. **Ethnic labels, latino lives.** Identity and the politics of (re)presentation in the United States. Minneapolis & London: U of Minnesota P, 1995.
- PATTERSON, Orlando. The emerging west-atlantic system. In ALONSO, William, ed. **Population in an interacting world.** Cambridge, Massachusetts: Harvard UP, 1987.
- RODRIGUEZ, Clara. Puerto Rican circular migration revisited. **Latino Studies Journal**. 4 (2) 93-113, 1993.
- ROSALDO, Renato. **Culture and truth.** The re-making of social analysis. Boston: Beacon Press. Edição revisada, com nova Introdução, 1993. 1ª edição 1989.
- ROUSE, Roger. Mexican migration and the social space of postmodernism. **Diaspora**, 1 (spring):8-23, 1991.
- SANTIAGO, Roberto, ed. **Boricuas.** Influential Puerto Rican writings; an anthology. New York: Balantine Books, 1995.
- SUTTON, Constance & CHANEY, Elsa, eds. Caribbean life in New York city. **Sociocultural dimensions.** Staten Island, NY: Center for migration studies of New York, 1987.



UM MUNDO DE CONHECIMENTO ESPERA POR VOCÊ



visite nosso site

www.editoradaulbra.com.br



E-mail: editora@ulbra.br

